

SE A EUROPA QUER ESCALAR CONTRA A RÚSSIA, QUEM PAGA A CONTA?

Por Doug Bandow*



O secretário-geral da OTAN, Jens Stoltenberg, fala em coletiva de imprensa durante a cúpula realizada em Madri em junho (Kiko Huesca/EPA).

Alguns acham que é hora de a OTAN mostrar seu “poder esmagador” contra Vladimir Putin, mas, como sempre, o diabo está nos detalhes.

Depois que a Rússia atacou a Ucrânia, os governos europeus alegaram levar a defesa a sério. No entanto, até agora poucos cumpriram suas últimas promessas. A contínua dependência dos Estados Unidos (EUA) pelo continente europeu é evidente nas propostas europeias de escalada militar – que só poderia ser perseguida por Washington. O governo Biden deve insistir em um reequilíbrio da aliança.

Por mais de sete décadas, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) representa a América do Norte e os Outros. Não era para ser assim. [Advertiu Dwight D. Eisenhower](#), o primeiro comandante supremo da OTAN: “Não podemos ser uma Roma moderna guardando as fronteiras longínquas com nossas legiões, se não por outra razão, que estas não são, politicamente, nossas fronteiras. O que devemos fazer é ajudar essas pessoas a recuperar sua confiança e seguir seus próprios passos militares”.

No entanto, mesmo depois de se recuperar economicamente da Segunda Guerra Mundial, os governos europeus preferiram investir em seus estados de bem-estar social em vez de em seus militares. Os formuladores de políticas americanas

preferiram dominar a tomada de decisões do continente ao invés de limitar a responsabilidade militar do público dos EUA. Como resultado, Washington agiu conscientemente como uma Roma moderna. Ainda assim, a Casa Branca queria que os europeus fizessem mais. Infelizmente, os clientes da América fizeram promessas em vez de entregar desempenho, reduzindo as autoridades americanas a implorar.

Há uma década, o secretário de Defesa Robert Gates, prestes a se aposentar, [criticou os indiferentes esforços militares da Europa](#): “Eu me preocupei abertamente com a OTAN se transformando em uma aliança de dois níveis: entre membros que se especializam em tarefas humanitárias, de desenvolvimento, manutenção da paz e conversas ‘leves’ e aqueles que conduzem as missões de combate ‘difíceis’. Entre aqueles dispostos e capazes de pagar o preço e arcar com os ônus dos compromissos da aliança, e aqueles que desfrutam dos benefícios da adesão à OTAN – sejam garantias de segurança ou posições no quartel-general – mas não querem compartilhar os riscos e os custos. Isso não é mais uma preocupação hipotética. Estamos lá hoje. E isso é inaceitável.”

Infelizmente, pouco havia mudado antes de Moscou invadir a Ucrânia. Muitos membros europeus da OTAN realizaram aumentos modestos nos gastos militares após a anexação da Crimeia pela Rússia e intervenção no Donbass em 2014, mas a [maioria permaneceu bem aquém](#) do objetivo formal da aliança transatlântica de 2% do PIB. Por que gastar muito mais quando os EUA não estão apenas fazendo a maior parte do trabalho, [mas constantemente assegurando](#) que [sempre farão a maior parte](#) do trabalho, não importa o quão pouco você faça?

Um dos aspectos mais perniciosos de uma aliança tão desequilibrada é o incentivo para os governos europeus inventarem esquemas militares irresponsáveis para a OTAN, ou seja, para os militares dos EUA. Por exemplo, no início do conflito russo-ucraniano, políticos dos Estados Bálticos [pediram o estabelecimento](#) de uma “zona de exclusão aérea” sobre a Ucrânia, o que significaria derrubar aeronaves russas, destruir as defesas aéreas russas e controlar o espaço aéreo russo, de onde a força aérea russa opera. A escalada para um conflito mais amplo e mortal dificilmente poderia ser evitada.

Convenientemente, não se esperava que os bálticos lutassem contra Moscou. Coletivamente, Lituânia, Letônia e Estônia possuem uma dúzia de aeronaves de transporte. Todo mundo sabe qual estado deveria derrotar a Rússia e retaliar se as armas nucleares comesçassem a voar. Somente por meio da OTAN os líderes do Báltico podem satisfazer a fantasia de tomar emprestadas as forças armadas americanas para fazer guerra contra a Rússia.

A última entrada no concurso de ousadia da Europa é o colunista do *The Guardian*, Simon Tisdall. Sonhando em sua mesa ao invés de treinar para o combate, na semana passada ele insistiu que a hora da guerra é agora. A OTAN deve partir para a ofensiva! Não se preocupe, seria uma moleza, é garantido. Esqueça a pressão por um acordo de paz. A alternativa, [escreveu Tisdall](#), é simples: “usar o poder avassalador da OTAN para mudar decisivamente a maré militar”.

Naturalmente, ele oferece poucos detalhes. Aparentemente, as vastas legiões da Europa dominariam os bárbaros do Leste, presumivelmente com o escriba do *The Guardian* na liderança, acenando para as tropas com sua caneta. Ele continuou: “a ação ocidental direta, direcionada e vigorosa ... [é] a única maneira viável de levar esse horror crescente a uma conclusão rápida, garantindo que Putin, e aqueles que possam imitá-lo, não lucrem com a carnificina sem lei. ... Chega de meias-medidas e vacilações! A OTAN deve agir agora para forçar as tropas saqueadoras de Putin de volta às fronteiras reconhecidas da Rússia”.

Claro, quando Tisdall falou em “OTAN”, ele quis dizer América do Norte e Os Outros, mais especificamente os EUA. Ele certamente não quis dizer o Reino Unido, [que hoje possui](#) 227 MBT's (*Main Battle Tank*, carro de combate pesado). Infelizmente, essa vasta armada terrestre, mesmo que lançada nas proximidades de Moscou, mal seria notada pelo Kremlin.

Embora o entusiasmo de Tisdall pela guerra seja substancial, o compromisso de sua nação com um reforço militar não é. Londres prometeu anteriormente que o Reino Unido aumentaria os gastos militares para 2,5% do PIB. No entanto, [informou a BBC](#), este ano “o governo vai quebrar a promessa de gastos com defesa que fez em seu manifesto em 2019”. Mesmo quando o [primeiro-ministro Boris Johnson](#) prometeu fazer mais, ele “se recusou a aumentar os gastos com defesa este ano, pois os ministros e o chefe do exército pedem mais dinheiro para lidar com a ameaça russa”. Essa rejeição ocorreu apesar das advertências do secretário de Defesa Ben Wallace de que “as forças armadas estavam sobrevivendo com uma ‘dieta de fumaça e espelhos”.

Em outros lugares, o entusiasmo da Europa em aumentar suas forças também está diminuindo. Afinal, o presidente Joe Biden tem apressado forças, homens e material dos EUA em defesa da Europa, provando que Washington fará o que sempre fez. Por que os clientes de defesa da América deveriam se expor?

Mesmo o alardeado *Zeitenwende* da Alemanha, ou “[momento divisor de águas](#)”, anunciado pelo chanceler Olaf Scholz dias após o ataque da Rússia, parece provável que seja menos do que o anunciado. Permanecem importantes barreiras burocráticas, institucionais e políticas para uma formação militar alemã. Há mais 100 bilhões de euros (aproximadamente US\$ 100 bilhões) para gastar, mas isso não significa aumentos rápidos ou permanentes no orçamento base. [Preocupou o The Wall Street Journal](#): “Atingir a meta de 2% significaria gastos anuais de defesa de cerca de € 75 bilhões no próximo ano fiscal, mas o governo Scholz apresentou um orçamento de apenas € 50 bilhões, aproximadamente o mesmo valor de antes do ‘ponto de virada’. O plano parece ser complementar os gastos anuais incluindo um quarto do orçamento especial de compras.”

Além disso, o dinheiro extra acabará por secar, após o que a Bundeswehr provavelmente ficará sem mão de obra e financiamento de manutenção. [Segundo a Deutsche Welle](#): “O que ainda não está claro é o próximo passo da Bundeswehr, uma vez que os € 100 bilhões de ganhos inesperados se esgotem. O orçamento regular de defesa certamente está aumentando. Mas, a longo prazo, isso não será suficiente para continuar pagando por projetos de armas dispendiosos. O ministro

das Finanças, Christian Lindner, enfatizou que o fundo especial da Bundeswehr é uma ‘exceção única’”.

Em última análise, as sombrias finanças de Washington provavelmente forçarão a questão na Europa. Há uma década, [Gates observou](#) prescientemente: “Como todos sabem, a grave situação fiscal dos Estados Unidos está agora pressionando nosso orçamento de defesa, e estamos em um processo de avaliar onde os EUA podem ou não aceitar mais riscos como resultado da redução do tamanho de nossos militares. Escolhas difíceis estão por vir, afetando todas as partes de nosso governo e, durante esses momentos, o escrutínio inevitavelmente recai sobre o custo dos compromissos no exterior – da assistência externa às bases militares, apoio e garantias.”

Esses dias logo chegarão à América. O Escritório de Orçamento do Congresso americano [alertou recentemente](#) que a relação dívida/PIB de Washington rompeu 100%, está se aproximando do recorde estabelecido após a Segunda Guerra Mundial e chegará perto de 200% em meados do século. Se for finalmente forçado a escolher entre serviços sociais em casa ou subsídios militares no exterior, a população envelhecida dos Estados Unidos provavelmente se juntará a seus primos europeus na escolha do primeiro. Então estes terão que decidir se eles acreditam que vale a pena defender seus países.

A invasão criminosa da Ucrânia pela Rússia foi um grande erro que pareceu acordar um continente militarmente sonolento. Agora, os europeus mostram sinais de voltar ao torpor da defesa anterior, mas a velha maneira de fazer as coisas não é mais sustentável. A realidade fiscal pode finalmente forçar os formuladores de políticas dos EUA a colocar os americanos em primeiro lugar.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Doug Bandow é membro do Cato Institute e ex-assistente especial do presidente Ronald Reagan. É bacharel em Economia pela Florida State University em 1976 e recebeu seu Juris Doctor pela Stanford University em 1979. Seu trabalho já foi publicado em periódicos como Foreign Policy, Orbis, National Interest, Time, Newsweek, Fortune, The New York Times, The Wall Street Journal e The Washington Post. Escreveu vários livros, incluindo Foreign Follies: America's New Global Empire, Tripwire: Korea and U.S. Foreign Policy in a Changed World e The Politics of Plunder: Misgovernment in Washington. É coautor de The Korean Conundrum: America's Troubled Relationship with North and South Korea.*
